

A AUTOCRÁTICA (IN)TRANSIÇÃO DEMOCRÁTICA**

MARCO ANTONIO RIBEIRO TURA*

I

A atualidade tem colocado, aos atores políticos - em especial àqueles situados à esquerda (1) do palco onde se encena a tragicomédia nossa de cada dia -, uma série de questões para as quais não fornecem respostas satisfatórias.

Românticos (2) e metafísicos, (3) esses atores oscilam entre a gritaria ensandecida da explosão iminente e a pasmaceira do evangelho gradualista. Convicta ou responsabilmente, (4) definem suas táticas no mundo de Hypnos para, em seguida, serem sugados e mastigados pelo mundo de Thanatos.



** À memória de Florestan Fernandes e José Duarte.

* Mestrando em Direito na UFSC.

1) Pelo vocábulo "esquerda" entendo englobados todos aqueles que optem pelo socialismo (de várias matrizes) em contraposição ao capitalismo. *vide* DREIFUSS, René Armand. O Jogo da Direita - na Nova República. Vozes: Petrópolis, 1989, p. 114.

2) Defino, juntamente com o Mestrando em Direito (UFSC) Argemiro Cardoso Moreira Martins, o "romantismo político" como a concepção de mundo que parte do afirmar ser a sociedade um organismo no qual se desenvolvem relações de cooperação, fundamentadas no amor e na dependência recíproca, natural e necessária, onde se persegue, por meio da tolerância e da fraternidade, a harmonização dos possíveis (mas indesejáveis) conflitos. *vide* CESA, Claudio. Dicionário de Política. (organizado por Norberto Bobbio), Edunb: Brasília, 1992, 4ª edição, verbete: "Romantismo Político", pp. 1133 e segs.

3) Um esclarecimento que, infelizmente, não esclareceu o esclarecedor (*vide* KONDER, Leandro. O Futuro da Filosofia da Práxis. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1992, 2ª edição, *:passim*): "... os conceitos funcionam como pares inseparáveis. Por isso, a dialética não pode admitir contraposições metafísicas, tais como mudança/permanência, ou absoluto/relativo, ou finito/infinito, ou singular/universal, etc. Para a dialética, tais conceitos são como 'cara' e 'coroa': duas faces da mesma moeda". *cf.* KONDER, Leandro. O que é Dialética. Brasiliense: São Paulo, 1981 (1ª edição), 20ª edição, p.56.

4) Ao contrário de alguns (*vide* BOBBIO, Norberto (org.). Dicionário de Política. Edunb: Brasília, 1992, 4ª edição, verbete: "Política", p. 961), não vejo em Weber uma mera continuação das formulações de Maquiavel sobre a política e a moral (*vide* MACHIAVELLI, Niccoló. O Príncipe (comentado por Napoleão Bonaparte). Hemus: São Paulo, 1977, p. 101). Weber demonstra serem, política e moral, universos, não antitéticos, mas dotados de eticidades diversas. As ações morais são julgadas de acordo com sua adequação à norma; a ética da convicção guia o agente. Já as ações políticas são julgadas de acordo com a concretização dos fins propostos; a responsabilidade guia o agente. Conclui Weber que a política deve ser feita com "paixão e medida"; seus agentes devem guiar-se pela responsabilidade para com os fins propostos, porém a escolha dos meios deve ser em favor dos mais adequados para a justiça dos fins. *vide* WEBER, Max. O Político e o Cientista. Presença: Lisboa-Portugal, 1979, pp. 83-85, 96-99.

Esboço aqui o sincero desejo de superar tais visões e posturas unilaterais, tão características da esquerda tupiniquim, (5) sem maiores pretensões. Busco, tão-só, expressar as angústias, quase sufocantes (literalmente!), em mim causadas pelo pensar e pelo agir bipolares do formalismo logicista, e respirar novos ares. Este texto endereça-se à Academia; contudo, e mais importante, quer juntar-se aos sobreviventes da exclusão cotidiana promovida e reforçada pelo Capital. É, pois, algo mais que um texto acadêmico: um ato de intervenção política.

Com este ato, procuro estabelecer maneiras de enfrentar as políticas da "santa aliança" (base de apoio de Fernando Henrique Cardoso), que hoje opera o poder Estado e seus aparelhos, (6) com vistas à construção de um sistema social mais (!) justo e mais (!) democrático. É preciso, portanto, proceder à análise da formação social brasileira, (7) por mediações que dêem conta de seus três aspectos: (a) o jurídico-político; (b) o socioeconômico; e (c) modo

Nesse cenário surge a "Aliança Democrática" com a intenção de reorganizar o bloco no poder e restabelecer a hegemonia com a conquista de consideráveis parcelas das massas, inclusive pela manipulação emocional, enfatizando-se, aí, o reforço do sentimento nacional.

de produção. (8) Nas próximas páginas, da primeira à derradeira (não tão derradeira, espero!), consubstancia-se essa tentativa.

II

O Regime Autocrático do pós-64, resultante das injunções das classes empresarial, latifundiária e média junto às castas militares e à tecnoburocracia estatal (9) insatisfeitos com os rumos do governo populista de João Goulart -, promoveu um acelerado e acentuado processo de industrialização e urbanização, (10) sob a coordenação de um Estado fortemente centralizado, privatizado e legitimado pela doutrina de segurança nacional. (11)

Deste processo derivou, contudo, uma crescente comple-xificação das relações

5) Apesar de falar genericamente da esquerda brasileira, muito mais me interessa pelo Partido dos Trabalhadores (PT); as razões são óbvias: é o partido mais destacado no campo da esquerda e com maior inserção junto às massas.

6) Poder é a capacidade de impor interesses; numa abordagem relacional, quanto maior a capacidade de um (uns), menor a de outro (outros). O fundamento do poder encontra-se na divisão social de produção e, pois, em muito ultrapassa o Estado, entendido como a condensação material e específica de uma relação de forças. Lugar privilegiado de exercício do poder político, mas não exclusivo, cujos estatutos jurídicos pouco importam ("privados" ou "públicos"). As funções repressiva, ideológica e econômica não aparecem nos aparelhos de forma estanque e definitiva.

mas preponderantemente, umas e outras, no conjunto e no interior de cada espécie de aparelhos de Estado. *vide* POULANTZAS, Nicos. *O Estado, o Poder, o Socialismo*. Graal: Rio de Janeiro, 1990, 3ª edição, *passim*; ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado*. Graal: Rio de Janeiro, 1992, 6ª edição, *passim*; ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (Introdução Crítica)*. Graal: Rio de Janeiro, 1992, 6ª edição, *passim*.

7) *vide* SCAMUZZI, Sergio. *Dicionário de Política* (organizado por Norberto Bobbio). Edunb: Brasília, 1992, 4ª edição, verbete: "Formação Social", pp. 511 e segs.

8) *ibid.*

9) *cf.* BORGES FILHO, Nilson. *Os Militares no Poder*. Acadêmica: São Paulo, 1994, p. 50.

10) *cf.* FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. Edusp/FDE: São Paulo, 1995, 2ª edição, pp. 534, 538.

11) *cf.* BORGES FILHO, Nilson. *Os Militares no Poder*. Acadêmica: São Paulo, 1994, p. 52.

sociais - a emergência do operariado urbano e dos trabalhadores da agroindústria, antes incipientes (12) -, exigindo mudanças sensíveis nas interações entre as classes dirigentes/dominantes com suas aliadas e adversárias. Não bastasse isso, nos anos oitenta inicia-se uma gravíssima crise, (13) tanto nacional quanto internacional, que dificulta a continuidade do Regime, ocasionando uma ruptura no interior do bloco no poder. O Estado, ao tomar decisões absolutamente essenciais para a reprodução do Capital, não tem como evitar a criação de problemas para sua hegemonia. (14)

Nesse cenário surge a “Aliança Democrática” com a intenção de reorganizar o bloco no poder e restabelecer a hegemonia com a conquista de consideráveis parcelas das massas, inclusive pela manipulação emocional, (15) enfatizando-se, aí, o reforço do sentimento nacional. (16)

Assumem, então, papel principal,

12) cf. FAUSTO, Boris. História do Brasil. Edusp/FDE: São Paulo, 1995, 2ª edição. pp. 536- 537.

13) *idem*, 542.

14) cf. POULANTZAS, Nicos. O Estado, o Poder, o Socialismo. Graal: Rio de Janeiro, 1990, 3ª edição, p. 193.

15) A morte de Tancredo Neves foi usada com tal objetivo.

16) Os aparelhos esportivos tiveram destacado papel, inculcando nas massas a idéia do “país-gigante”, vitorioso no futebol, basquete, vôlei, natação, etc.

17) cf. POULANTZAS, Nicos. O Estado, o Poder, o Socialismo. Graal: Rio de Janeiro, 1990, 3ª edição, pp. 297-298.

no exercício do poder de Estado, os aparelhos ideológicos e econômicos, deixando na penumbra, (gloriosa, é verdade!) os aparelhos repressivos. Os sucessivos planos de estabilização desempenham dupla função: (a) remanejar as relações econômicas, para assegurar a continuidade da reprodução do Capital; e (b) redefinir as relações ideológicas, para absorver, tratar e superar as expectativas das classes e suas frações, dos setores e dos grupos, aliados e adversários. Porém, os aparelhos repressivos, também partícipes

desse novo processo, não deixam de exercer suas funções preponderantes. Quando e onde não bastam as ações dos aparelhos ideológicos e econômicos, intervêm as Forças Armadas e Policiais, substituindo o afago pela palmatória. (17) A invasão da CSN, em Volta Redonda, e as

ocupações (incluindo as recentes) de refinarias da PETROBRÁS, pelas tropas do Exército, deixam claras essas afirmações.

Incluem-se nesse período, o pseudo-intelectual Sarney, o megalômano Collor, o medíocre Itamar e FHC - intelectual, conhecedor dos limites, hábil, mas com péssima memória.

Ao contrário do que se possa imaginar, a “santa aliança” do PFL e do PSDB, fundamentalmente, é a concretização de um projeto político antigo, continuador do bloco no poder do Regime do pós-64, pelas vias da democracia representativa. Fernando Henrique Cardoso é tributário das classes dirigentes/dominantes tradicionais que, por meio da renovação de suas formas de apresentação e atuação no cenário

de apresentação e atuação no cenário político, escondem o conteúdo conservador e violentamente reacionário de suas pretensões. No espelho, FHC não se vê, FHC vê ACM!(18)

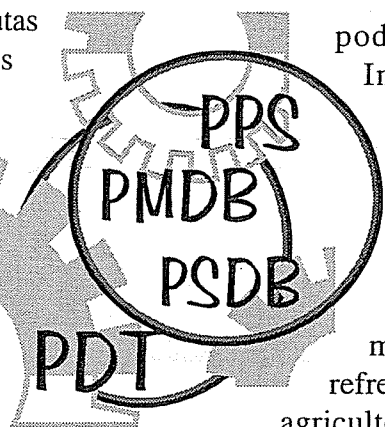
Mas, não se conclua disso que o projeto e as pretensões das classes dirigentes/dominantes consigam concretizar-se completa e definitivamente. As disputas entre elas, e delas com as classes dirigidas/dominadas, impõem uma gama imensa de expedientes que, para buscar a hegemonia, comprometem sua supremacia, (19) porquanto dificultam ou impedem o desempenho de seus papéis de classes, reproduzidas e reprodutoras das relações de direção/domínio/exploração, derivados do lugar social que ocupam. (20)

Chegamos ao hoje - que alguns dizem e desejam ser o "agora eterno", limite da civilização e fora do qual reside o caos. (21) O Plano "Real" (22) - monetarista como os anteriores, (23) ao gosto do Conselho de Washington - começa a fazer os doentes preferirem a doença em lugar dos remédios.

A política de juros altos, voltada à estabilização da economia - certeza, calculabilidade e previsibilidade -, à

contenção inflacionária e, conseqüentemente, ao desenvolvimento, tem, perversamente, levado ao desmantelamento do parque industrial, à desarticulação da produção agrícola e ao fortalecimento do Capital financeiro. As perspectivas são de uma "estagflação" (recessão com inflação). (24)

Novamente, o bloco no poder arrisca-se romper. Industriais exigem a modificação da política de juros e de importações; exportadores reivindicam alterações na política cambial; importadores, comerciantes e classe média criticam o refreamento das importações; agricultores tentam reduzir suas dívidas junto aos bancos, especialmente estatais; e os trabalhadores, notadamente do setor público, mobilizam-se para defender direitos já conquistados, mas ameaçados pelo retórico Estado mínimo. (25)



18) O recente episódio do Banco Econômico pôs em dúvida se FHC era, de fato, o Presidente da República.

19) Hegemonia relaciona-se à direção, enquanto supremacia, à direção e ao domínio. cf. GRUPPI, Luciano. *Tudo Começou com Maquiavel (as concepções de Estado em Marx, Engels, Lênin e Gramsci)*. L&PM: Porto Alegre, 1985, 5ª edição, p. 84.

20) Não existe, portanto, genericamente, a figura do "bom (ou mau) burguês"; a ideologia interpela o indivíduo e o faz agir de acordo com os papéis consignados ao seu lugar social (dominante ou dominado), como o demonstrou Althusser.

21) cf. HIRSCHMAN, Albert O. *A Retórica da Intransigência: perversidade, futilidade, ameaça*. Cia. das Letras: São Paulo, 1995, 1ª reimpressão, p. 16; pode-se caracterizar essa afirmação como permeada pela retórica da ameaça.

22) O uso da palavra "real" também teve um efeito retórico. Tratava-se de colocar esse plano como algo completamente novo, diverso dos anteriores, enfim: um plano "real".

23) vide HUNT, E. K. & SHERMAN, Howard J. *História do Pensamento Econômico*. Vozes: Petrópolis, 1987, 6ª edição, *passim*; para notar a identidade do fio condutor dos diversos planos de estabilização.

24) vide REVISTA VEJA, edição 1398, ano 28, n.º 26, 28 de junho de 1995, *Para onde vai o Real*. pp. 32-41.

25) O Estado mínimo, paradoxalmente, é o Estado total. Através do esvaziamento da máquina estatal (Estado em sentido estrito), o Estado cresce englobando a sociedade civil (segundo elemento do Estado em sentido amplo).

As contradições atingem as forças políticas da “santa aliança”. Até mesmo no PSDB, partido de FHC, começam a ecoar as vozes discordantes; anuncia-se a criação de um novo partido que, afastando-se do social-liberalismo da “santa aliança”, retorne ao ideário da social-democracia, seja lá o que esses conceitos signifiquem. Vão por esse caminho o PPS, setores do PMDB, do PDT e do PSDB.

Eis o drama da “santa aliança”! Atender a tantas reivindicações excludentes umas das outras e manter coeso o bloco no poder, garantindo sua hegemonia.

Liberdade política, liberdade econômica e miséria - amplas, gerais e irrestritas. Na autocrática intransição democrática, a democracia política se distancia, mais e mais, da democracia social. (26) É o mundo de

O PT, força de esquerda de maior importância no panorama político brasileiro, aposta na institucionalidade e abandona as lutas populares mais radicais, em nome da fictícia consolidação democrática

Enquanto avança o sindicalismo dito de “resultados”, as negociações da CUT, não muito diferentes, satisfazem interesses tão-só egoístico-passionais das aristocracias operárias. Trocando favores, a CUT tem apoiado o empresariado em suas reivindicações junto ao Estado, despreocupando-se de transformações profundas nas relações de produção; a fraternidade instala-se, mesmo sem igualdade e liberdade. (29)

Na gestão do Estado, o modo petista de governar, tão decantado em verso e prosa, tem-se limitado a criar canais de participação popular, nos moldes da regra: as massas propõem, a tecnoburocracia de esquerda dispõe. (30)

Pretende governar para todos, dentro da legalidade, descartando ações que promovam rupturas reais na correlação de

III

Enquanto isso, a esquerda tupiniquim permanece no mundo de Hypnos! O PT, força de esquerda de maior importância no panorama político brasileiro,²⁷ aposta na institucionalidade e abandona as lutas populares mais radicais, em nome da fictícia consolidação democrática (Qual democracia Mr. Weffort? A plutocracia americana?!). Busca fortalecer-se junto à classe média e a setores do empresariado, corretamente; mas se esquece dos seringueiros, dos “sem-terra” e dos “sem-teto” (talvez porque nada tenham a contribuir para a burocracia partidária). (28)

26) cf. POULANTZAS, Nicos. *O Estado, o Poder, o Socialismo*. Graal: Rio de Janeiro, 1990, 3ª edição, pp. 248.

27) Vejo no Partido dos Trabalhadores (PT) a cristalização dos anseios populares em relação a um partido democrático, pluralista e transformador; resta saber se ainda o é.

28) vide FOLHA DE SÃO PAULO, domingo, 24 de setembro de 1995. *Sem-terra foge do controle do PT*. Caderno 1, pp. 12-14.

29) A presença de Luís Eulálio Vidigal como padrinho do noivo no casamento de Vicentinho é ilustrativa dessa situação fraternal.

30) cf. POULANTZAS, Nicos. *O Estado, o Poder, o Socialismo*. Graal: Rio de Janeiro, 1990, 3ª edição, pp. 228.

forças. (31) Reduzem, com o auxílio de certos intérpretes do pensamento gramsciano, (32) a via democrática a uma mera via eleitoral e pacífica, (33) amarrando as lutas populares à exclusiva guerra de posições, (34) entendida por eles como a conquista gradual de postos na máquina estatal. Superam (sic!) a distinção reforma/revolução optando pela primeira, na linha do “devagar se vai ao longe”.

IV

Sonhando com os pés no chão, a esquerda tem de aperceber-se que a dinâmica política impede opções definitivas, petrificadas. Legalidade e ilegalidade, paz e guerra, guerra de posições e de movimento, não são princípios, regras-de-ouro, excludentes uns dos outros, mas de combinações possíveis e desejáveis com maior ou menor preponderância. (35)

Convicta na preferibilidade da democracia, mas responsável por suas ações, (36) a esquerda tem de conscientizar-se de que os velhos autocratas mantêm-se no poder sob o manto da democracia. As fardas e os fraques se divertem e, com frases ocas, procuram ludibriar as massas e atribuir-lhes a responsabilidade (o “desejo” de sofrer) pelos pesados fardos que carregam.

31. *idem*, p. 297.

32. *idem*, p. 298; como, v.g., Coutinho.

33. *idem*, pp. 297, 299, 303.

34. *idem*, p. 296.

35. *idem*, pp. 296-299; LÊNIN (LENINE), V. I. *Os Comunistas e as Eleições*. Anita Garibaldi: São Paulo, s/d., pp. 20, 23, 33, 35, 36, 41, 44, 47, 50, 51.

36. *vide* nota 4.

A democracia política não é um mero instrumento, descartável tão logo nós, “bons homens”, chegemos ao poder; nem, tampouco, um processo que, tendendo a uma finalidade, consolida-se e só dentro de seus limites admite agir e pensar. A democracia política é um jogo (37), que pode e deve ser ampliado, transformado e permanentemente questionado; viciadas, ou descumpridas, suas regras, desoneram-se os jogadores.

A esquerda precisa democratizar a democracia, criar espaços e momentos para a expressão do dissenso e da luta das classes oprimidas, trabalhando por reformas, mas preparando as massas para um ponto culminante, sem iludir-se com o desejo

de transição pacífica do modo de produção capitalista ao socialista, pois ninguém abre mão de seus privilégios sem luta - fato historicamente comprovado. (38)

A esquerda precisa romper os grilhões que a aprisionam na máquina estatal, politizar os movimentos sociais e revolucionar-se. Ocupar postos na máquina estatal não pode ser mais importante que ocupar os lugares centrais, de decisão e execução, na produção.

Uma primeira revolução é decisiva: a condução da esquerda à maturidade política.

37) A idéia da democracia política como jogo, entendendo estar presente em Engels e, mais especialmente, em LÊNIN (LENINE), V. I. *O Estado e a Revolução*. Hucitec: São Paulo, 1987, pp. 18, 57, 59, 101, 108, 109, 123, 124. *vide* RAPOPORT, Anatol. *Lutas, Jogos e Debates*. Edunb: Brasília, 1980, Introdução; para uma definição dos jogos.

38) *cf.* PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política* (organizado por Norberto Bobbio). Edunb: Brasília, 1992, 4ª edição, verbete: “Revolução”, p. 1122.

DEPOIMENTOS